

XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

O SEGUNDO ARMÁRIO: ANÁLISE DA VIOLENCIA DOMÉSTICA ENTRE CASAS HOMOSSEXUAIS.

Francisco Arrais Nascimento y Suely Salgueiro Chacon.

Cita:

Francisco Arrais Nascimento y Suely Salgueiro Chacon (2009). *O SEGUNDO ARMÁRIO: ANÁLISE DA VIOLENCIA DOMÉSTICA ENTRE CASAS HOMOSSEXUAIS*. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-062/806>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

O SEGUNDO ARMÁRIO: ANÁLISE DA VIOLENCIA DOMÉSTICA ENTRE CASAIS HOMOSSEXUAIS

Francisco Arrais Nascimento

Universidade Federal do Ceará – UFC/Campus Cariri (Brasil)

E-mail: juniorarrais@yahoo.com.br

Suely Salgueiro Chacon

Universidade Federal do Ceará – UFC/Campus Cariri (Brasil)

E-mail: suelychacon@ufc.br

Resumo

O objetivo principal desse artigo é discutir a violência doméstica que ocorre entre casais homossexuais, tanto masculinos como femininos, no estado do Ceará, desde o mês de janeiro de 2006 a janeiro de 2009. Uma primeira motivação para empreender esse estudo foi a constatação de que a partir da década de 70 do século XX, quando o movimento feminista ganhou força em todo o mundo, a questão das minorias começou a ganhar espaço na sociedade, deflagrando também a questão sobre a violência, tanto entre casais heterossexuais quanto entre casais homossexuais. Para a obtenção dos dados aqui discutidos, a metodologia utilizada foi à entrevista estruturada e a revisão bibliográfica sobre o tema em questão. Tais entrevistas foram realizadas no período de janeiro do ano de 2006 a agosto de 2008, no estado do Ceará. Foram abordadas as diferenças entre os dois grupos de casais homossexuais, tanto masculinos como femininos decorrentes de suas distintas socializações de gênero. A pesquisa destaca as características comuns aos dois grupos como a influencia do HIV na dinâmica cotidiana do casal, e a presença de preconceitos. Complementarmente a pesquisa busca desmistificar este tema, que é comumente visto em nossa sociedade “heteronormativa” como um desvio de padrão. Ao final do artigo, concluiu-se que há um “silêncio” que rodeia a vida doméstica entre casais homossexuais, tanto por parte do movimento homossexual, que de certa forma o nega ou esconde, como pela sociedade, que a reprime, além de expor a deficiência de serviços especializados para este setor da população, negando-lhe aspectos básicos de cidadania.

Palavras-chave: violência, homossexualismo, relacionamentos homo afetivos.

INTRODUÇÃO

Em meados da década de 1970, quando se começou a debater o problema da violência doméstica, a violência entre casais homossexuais começa a ser abordada de forma mais evidente. No estado do Ceará esse comportamento não foi diferente, apenas retardado por alguns anos. Os instrumentos utilizados variavam entre campanhas de saúde pública, programas de televisão, pesquisas científicas, novelas e filmes temáticos.

Com base nisso, esta pesquisa limitou-se a analisar a violência cometida por homens em relação à suas parcerias homossexuais no estado do Ceará, no período compreendido de janeiro do ano de 2006 a agosto de 2008. Desde a década de 1980, estudiosos se dedicam ao tema da violência doméstica entre homossexuais, resultando, em ganhos para o movimento homossexual.

1. METODOLOGIA

Foram acompanhados 300 indivíduos, nas mais diversas faixas etárias, de ambos os sexos, com situação afetiva diversificada (sem relacionamento naquele momento, solteiros com parceiros fixos, casados ou vivendo maritalmente). Os sujeitos foram acompanhados em seus locais de sociabilização, onde responderam ao questionário previamente elaborado e de onde se retirou a amostra na qual foi acompanhada durante o período de dois anos e oito meses compreendidos no período de janeiro do ano de 2006 a agosto de 2008, no estado do Ceará. O plano de amostragem foi não-causal por quotas não equivalentes quanto ao sexo (Levin, 1987).

2. AS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE OS RELACIONAMENTOS HETEROSSEXUAIS E HOMOSSEXUAIS

Segundo Coleman (1994), apenas a partir de 1990 é que a violência ocorrida em relacionamentos homossexuais de fato passou a ser pesquisado de forma abrangente. A discriminação e os crimes cometidos contra homossexuais são um problema amplamente reconhecido (Mott, 2003) no ambiente analisado é assustador o numero de casos de crimes contra homossexuais e o que chama a atenção é que os acusados dos crimes normalmente são pessoas próximas as vítimas e que normalmente mantinham um convívio com as mesmas. Estas agressões tendem a esconder o problema ainda mais grave da violência doméstica homossexual, que, segundo Island e Letellier (1990), pode ser considerada um dos três riscos mais importantes à saúde dos homossexuais, ficando atrás apenas do HIV e do abuso de álcool e drogas.

Definimos violência doméstica como qualquer agressão física, sexual ou psicológica através da qual um indivíduo tenta estabelecer controle e poder sobre seu parceiro (Farley, 1992). A primeira pode ser caracterizada por qualquer comportamento que utilize força física, cujas conseqüências são danos corporais ou destruição de propriedade; a segunda está relacionada a atos sexuais não-consensuais ou que visam humilhar o parceiro com relação a seu corpo, desempenho sexual ou sexualidade; enquanto que a psicológica tende a se manifestar através de intimidação, humilhação, ameaças, agressões verbais, isolamento social e dependência financeira forçada (Lehman, 1997).

Ganley (1995) afirma que a violência doméstica não é um incidente isolado ou individual, mas sim um padrão de eventos contínuos de forma cíclica. Os fatores que propiciam o acontecimento da violência doméstica estão atrelados a uma história de violência prévia, tanto para os agressores quanto para as vítimas. São agentes facilitadores:

- a)O abuso de álcool ou drogas;
- b)Doenças mentais; baixa auto-estima;
- c)Habilidades comunicacionais pobres;
- d)Baixo controle do impulso agressivo;
- e)Diferenças de poder e status entre os membros, sobretudo aquelas que provocam mudanças nos papéis do casal.

Vale dizer que se dados sobre a violência cometida contra a mulher são difíceis de levantar,

estatísticas confiáveis sobre violência doméstica entre casais homossexuais são ainda mais escassas. Principalmente no caso do Ceará, onde foi desenvolvida a pesquisa, em virtude da cultura do mesmo.

Primeiramente, não existem dados demográficos oficiais sobre a população homossexual, o que faz com que qualquer informação sobre estes indivíduos seja necessariamente incompleta ou falha em algum aspecto (Nunan, 2003). Em segundo lugar, mesmo pesquisas com amostras razoavelmente representativas de homossexuais tendem a não investigar aspectos relacionados à violência doméstica, devido à disseminação da ideologia de que este tipo de agressão ocorre apenas entre casais heterossexuais, onde o homem é sempre o agressor.

Segundo autores como Walsh (1996) e Lehman (1997), o preconceito sexual afeta sobremaneira a dinâmica da violência doméstica entre casais homossexuais. Deste modo, antes de prosseguir com nossa exposição, faz-se necessário definir estes conceitos para melhor compreender de que forma eles impactam a vida de gays e lésbicas.

Assim, definimos preconceito sexual como atitudes negativas direcionadas a um determinado indivíduo (ou grupo) por causa de sua orientação sexual. Neste caso, o alvo do preconceito pode ser tanto um homossexual, bissexual ou heterossexual.

Dados levantados por pesquisa realizada pelo Instituto Mori Brasil em 1998 confirmam o preconceito contra homossexuais na população brasileira (Cruz e Vieira, 1999; Velloso, 1999), assim como os números da violência contra gays e lésbicas. Em 2002, por exemplo, foram assassinados 126 homossexuais, crimes cujo principal motivo foi a orientação sexual da vítima (Mott, 2003).

Vale ressaltar que o preconceito contra homossexuais é admitido abertamente, ao contrário do racismo. Nestes casos, os homossexuais são freqüentemente taxados de anormais, imorais, pecadores, promíscuos, doentes, complicados e pouco confiáveis (Simon, 1998; Wolfe, 1998). A AIDS é considerada uma “doença gay”, e é comum ouvir dizer que a epidemia “veio para punir estes pervertidos”.

Conseqüentemente, os homossexuais são profundamente discriminados no ambiente doméstico-familiar, no acesso ao trabalho e moradia, locais públicos, instituições escolares e diversos órgãos governamentais (Helena, 1999; Rodrigues, 2000).

De um modo geral, podemos dizer que o preconceito contra homossexuais implica na violência doméstica entre casais de gays e lésbicas. Em primeiro lugar, o parceiro que é a vítima da violência pode ter dificuldade em encontrar apoio externo, tanto por parte de sua família, quanto por parte de instituições legais.

Em uma cultura onde a homossexualidade carrega um grau elevado de estigma, assumir-se como vítima de violência doméstica homossexual torna-se extremamente difícil. Some-se a isso o preconceito e a falta de treinamento e experiência que estas mesmas instituições possuem com relação à homossexualidade, em primeiro lugar, e à violência doméstica ocorrida entre casais homossexuais, em segundo.

O preconceito entre homossexuais aparece ainda como um complicador neste fenômeno. Se por um lado o indivíduo não aceita passivamente as visões negativas da sociedade com relação à sua sexualidade, estereótipos de que os homossexuais são seres humanos inferiores são tão difundidos que se torna difícil deixar de internalizá-los de alguma forma (Crocker et al., 1998; Gaines, 2001).

Gays que internalizam estas crenças podem se sentir inferiores aos heterossexuais e incapazes de alcançar objetivos que contradigam o preconceito. Em outras palavras, pode-se dizer que quando o estereótipo é muito forte ou pernicioso, membros do grupo alvo tendem a aceitá-lo e incorporá-lo à sua auto-imagem, fazendo com que sentimentos negativos com relação à própria orientação sexual sejam generalizados para o *self* como um todo. De acordo com Margolies et al. (1987), é bastante incomum que homossexuais procurem psicoterapia apresentando como queixa principal o preconceito internalizado: este freqüentemente aparece na forma de sintomas e em conjunção com uma série de outras queixas.

Assim, o preconceito sexual internalizado pode ir desde questionamentos sobre seu próprio valor enquanto indivíduo até o ódio por si mesmo, provocando depressão, sentimentos de culpa, medo, desconfiança, confusão, insegurança, ansiedade, vergonha, isolamento social, dificuldade de estabelecer e manter relacionamentos amorosos, disfunções sexuais, hostilidade, abuso de álcool ou drogas, distúrbios alimentares e comportamento ou ideação suicida (McKirnan e Peterson, 1989; Atkins, 1998).

Inúmeros autores (Coleman, 1994; Vickers, 1996; Lehman, 1997) também postulam que o preconceito internalizado é um fator extremamente relevante na violência doméstica entre casais homossexuais. No caso do agressor, o preconceito internalizado pode fazer parte de uma baixa auto-estima ou inadequação sexual que o indivíduo procura aumentar exercendo poder sobre seu parceiro (Byrne, 1996; Curtis, 2002).

Também pode ocorrer que o parceiro represente elementos de sua própria identidade sexual, aspectos estes com os quais o agressor se sente desconfortável. No caso da vítima, o preconceito internalizado pode fazê-la acreditar que o relacionamento é errado - uma manifestação de sua sexualidade "doentia" - que a violência é apenas outro aspecto de uma relação "perversa", fadada ao fracasso, e que ela é, de alguma forma, merecedora ou culpada pela violência.

Na verdade, o mito de que a vítima é culpada pela violência está presente tanto em relacionamentos heterossexuais como em homossexuais. Compartilhada pelo agressor, pela vítima e pela sociedade de um modo geral, esta crença se apresenta como um dos principais fatores que impedem um indivíduo de abandonar uma relação violenta.

A partir dessas premissas, segue-se a idéia de que as pessoas que prosperam devem ser boas e as que sofrem devem merecer seu destino. Qualquer acontecimento negativo difícil de explicar deve ser culpa da personalidade ou do comportamento do indivíduo. Ao que parece, a maioria das pessoas se sente ameaçada por viver em um mundo onde determinados indivíduos sejam agredidos ou privados daquilo que eles merecem ou

precisam.

Devemos apontar, ainda, para o fato de que o preconceito sexual também está relacionado com duas dinâmicas muito características da violência doméstica entre casais homossexuais: a ameaça de revelação da homossexualidade e a “soropositividade”. Deste modo, uma forma adicional de violência psicológica que pode ser experienciada por homossexuais é a ameaça que o agressor faz de revelar a orientação sexual de seu parceiro para familiares, amigos e chefes, caso este não ceda à suas demandas de controle e poder (Island e Letellier, 1991; Lundy, 1993).

Neste sentido, não podemos subestimar o medo que advém da possibilidade de perder conexões humanas valiosas, assim como de ter problemas relacionados com a custódia de filhos pequenos, e perda de emprego ou moradia. No caso do parceiro já ter assumido sua homossexualidade, o agressor pode convencê-lo de que, caso decida procurar ajuda para sair da relação, as pessoas serão preconceituosas e pouco prestativas.

Além da violência doméstica entre casais homossexuais ocorrer em um contexto de preconceito sexual, diversos autores sugerem que este fenômeno também é fortemente afetado pelo status de contaminação pelo vírus do HIV, atuando como um poderoso elemento estressor que precipita incidentes de violência, dificultando que a vítima abandone o agressor (Letellier, 1994; Cruz e Firestone, 1998).

Nos casos em que um ou ambos os parceiros são HIV positivo, as constantes agressões físicas e sexuais podem tornar-se letais (Warters, 1989). De acordo com alguns estudos, homens HIV positivo possuem maiores chances de serem agredidos física e psicologicamente, situações nas quais o agressor ameaça de revelar a soropositividade do parceiro, restringe acesso à medicação e serviços médico-assistenciais, ou acusa o parceiro de ter contraído o vírus (Merrill e Wolfe, 2000; Zierler et al., 2000; Greenwood et al., 2002).

A vítima HIV positivo também pode continuar na relação por medo de desenvolver AIDS e morrer sozinha. Já nas situações em que o agressor é HIV positivo, seu parceiro pode se sentir culpado de abandoná-lo, ou interpretar a violência como uma consequência da doença ou de efeitos colaterais do coquetel de remédios (Curtis, 2002). Com frequência, o agressor HIV positivo finge estar doente para evitar que o parceiro o abandone, ou volte para cuidar dele, caso já tenha abandonado a relação. De acordo com Letellier (1996), em casos mais graves, o agressor deliberadamente contamina seu parceiro.

2. O SEGUNDO ARMÁRIO?

Se para a maioria dos homossexuais já é extremamente difícil assumir sua orientação sexual (Nunan, 2003), dar-se conta de que seu relacionamento amoroso é violento pode tornar-se um processo demasiadamente doloroso.

Em um sentido semelhante, mesmo depois que a existência de violência doméstica é constatada, muitos homossexuais hesitam em lidar com o problema por temor em reforçar estereótipos negativos de que a homossexualidade é uma “doença” ou “perversão”, ou pelo

medo em que este tipo de informação seja usada contra o grupo, impedindo, por exemplo, ganhos legais tais como os direitos a casais do mesmo sexo e a adoção de crianças e ao próprio casamento (Hamberger, 1996; Leland, 2000).

Na nossa sociedade, os conceitos de “homossexualidade” e “doméstico” são vistos como opostos, o que faz com que o problema da violência doméstica entre casais homossexuais não seja reconhecido, provocando a quase inexistência de serviços especializados em atender esta parcela da população.

No Ceará, por exemplo, não fomos capazes de encontrar serviços voltados especificamente a esta parcela da população, ao passo em que as agências existentes não possuem um grau de conhecimento ou treinamento adequado para efetivamente servir homossexuais em relacionamentos violentos.

No caso das lésbicas, acredita-se que estas poderiam utilizar serviços direcionados a mulheres heterossexuais, mas como os abrigos estão abertos para todas as mulheres é possível que a vítima não se sinta segura, visto que a agressora pode ter acesso ao local (Lundy, 1993; Ristock, 1994).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sem informações concisas, muitas vítimas de violência doméstica não são capazes de reconhecer seus relacionamentos como nocivos e não procuram ajuda neste sentido.

Mesmo se o fizerem não encontrariam serviço especializado, pois no estado-membro brasileiro em questão não foram encontrados serviços especializados para atender a tal público. Deixando-os a margem da sociedade e negando o seu direito a segurança e atendimento adequados.

Na maioria dos casos analisados os indivíduos envolvidos nesses tipos de relações preferem o silêncio uma vez que a situação não propicia a prática de seus direitos de cidadania.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Atkins, D (1998). **(In)Visible Bodies: weight and appearance in lesbian, bisexual and gay community**. Master Thesis. University of Iowa, department of anthropology. Babbitt, L. (1997). Domestic Violence in same sex relationships. *Counseling today*, v. 39, n. 12.

Bhat, S. et al. (1996). The effect of homosexual imagery in advertising on attitude toward the Ad. **In:** D. L. Wardlow (ed.). **Gays, lesbians, and consumer behavior: theory, practice, and research issues in marketing** (pp. 161-176). New York: Harrington park press.

Crocker, J. et al. (1998). Social stigma. **In:** D. T. Gilbert; S. T. Fiske & G. Lindzey. **The handbook of social psychology – volume 2** (pp.504-553). McGraw Hill.

Cruz, A. S. & Vieira, J.L. (1999). Homossexualismo – assumir faz a diferença. **Revista Época** n. 70, 44-51.

Cruz, J. M. & Firestone, J. M. (1998). Exploring violence and abuse in gay male relationships. **Violence and Victim**, v.13, 159-173.

Curtis, L. (2002). Domestic violence comes out of the closet. **Las Vegas mercury**, April 25, 2002. pp. 1-4.

Faley, N. (1992). Same sex domestic violence. In S. H. Dworkin & F. J. Gutierrez (eds.). **Counseling gay men and lesbians: journey to the end of the rainbow**. (pp. 231-242). Vancouver: American counseling association.

Ganley, A. L. (1995) Understanding domestic violence: preparatory reading for trainers. **In: S. Schechter. Domestic violence-child protection curriculum**. M.S.W.

Gomes, I.C. (2003). As relações de poder na família: um estudo de caso envolvendo a violência psicológica. **Revista Psicologia Clinica**, v. 15, n. 2, no prelo.

Greenwood, G.L., Relf, M.V., Huang, B., Pollack, L.M., Canchola, J.A. & Catania, J.A. (2002). Battering victimization among a probability-based sample of men who have sex with men. **American Journal of Public Health**, 92, 1964-1969

Helena, L. (1999). Violência doméstica assusta homossexuais. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 de dez. 1999. p. 24.

Island, D. & Letellier, P. (1990). The scourge of domestic violence. **Gay book**, v. 9, 14.

Kates, S.M. (1998) **Twenty Million New Consumers. Understanding Gay Men's Consumer Behaviour**, Haworth Press, New York, NY

Leland, J. (2000). Silence Ending About Abuse in Gay Relationships. **The New York Times**, November 6, 2000. p.1-4.

Letellier, P. (1994). Gay and Bisexual Male Domestic Violence Victimization: challenges to feminist theory and responses to violence. **Violence and Victim**, v. 9, 95-106.

Lundy, S. (1993). Abuse That Dare Not Speak Its Name: assisting victims of lesbian and gay domestic violence in Massachusetts. **New England Law Review**, v. 28, n. 2.

Margolies, L. et al. (1987). Internalized Homophobia: identifying and treating the oppressor within. In Boston Lesbian Psychologies Collective (eds.) **Lesbian Psychologies – Explorations and Challenges**. Chicago: University of Illinois Press.

McKirnan, D. & Peterson, P. (1989). Alcohol and drug use among homosexual men and women: epidemiology and population characteristics. **Addictive Behavior**, 14, 545-553.

Merrill, G. S. (1996). Ruling the Exceptions: same-sex battering and domestic violence theory. In C. M. Renzetti & C. H. Miley (eds.). **Violence in Gay and Lesbian Domestic Partnerships** (pp. 9-21). New York: Harrington Park Press.

Mordcin, M. J. & Wyers, N. L. (1990). Lesbian and Gay Couples: where they turn when help is needed. **Journal of Gay and Lesbian Psychotherapy**, v. 1, 89-104.

Mott, L. (1996). Os Homossexuais: as vítimas principais da violência. **In:** G. Velho & M. Alvito (orgs.). **Cidadania e Violência** (pp. 99-146). Rio de Janeiro: UFRJ/Ed. da Fundação Getúlio Vargas.

Nunan, A. (2003). **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Rio de Janeiro: Editora Caravansarai.

Ristock, J. (1994). And Justice For All?... The Social Context of Legal Responses to Abuse in Lesbian Relationships. **Canadian Journal of Women and the Law**, v. 7, n. 2.

Rodrigues, C. S. (2000). Homossexuais sofrem extorsões. **O Globo**, Rio de Janeiro, 9 set. 2000. p. 14.

Rosenbaum, A. & Maiuro, R. D. (1990). Perpetrators of Spouse Abuse. **In:** R. T. Ammerman & M. Hersen (eds.). **Treatment of Family Violence: a sourcebook** (pp. 280-309). New York: John Wiley & Sons, Inc..

Simon, A. (1998). The Relationship Between Stereotypes of and Attitudes Toward Lesbians and Gays. In G. M. Herek (ed.). **Stigma and Sexual Orientation: understanding prejudice against lesbians, gay men and bisexuals** (pp. 62-81). California: Sage Publications.

Snow, K. (1992). The Violence At Home. **The Advocate (L.A.)**, June 4, 1992, 60-63.